

UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes
Janara Sousa
Ruth Reis
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



Um grito no ar

Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais

Organizadoras

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

Foto Capa Daniel Castellano (Gazeta do Povo)
Agradecimentos Ângela Alves Machado
Diagramação LaPCom
Apoio Lizely Borges



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac@unb.br

DIRETOR
Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA
Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti
(UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

SECRETARIA EDITORIAL

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ALEXANDRE MARCELO BUENO.....	9
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
ANA JÚLIA RIBEIRO	26
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE	30
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE	34
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
BRUNELA VINCENZI.....	47
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
CARLA CERQUEIRA.....	52
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO	59
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
CICILIA M.KROHLING PERUZZO	65
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI	71
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
DÁRIO BOSSI.....	76
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
DEOLINDA CARRIZO	90
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
EDNA CALABREZ MARTINS.....	94
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
ERIKA CAMPELO.....	108
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
FRANCESCA GARGALLO.....	119
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN	134

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO	142
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA	150
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ	157
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
KEILA SIMPSON	166
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
LAM MATOS	173
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
LYDIA ALPIZAR	179
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
MÁRCIO ZONTA	193
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA	197
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA	206
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
MARIA LUCIA LOPES DA SILVA	217
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
MARINA POGGI	232
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO	242
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
MÔNICA CUNHA	259
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
OMAR CERRILLO GARNICA	265
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
PRISCILA GAMA	272
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
RAFAEL FORTES	277

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
RENATO JANINE RIBEIRO	288
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA	298
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA	305
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
TÂNIA CRISTINA CRUZ	311
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
TÂNIA MARIA SILVEIRA	316
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
THIAGO APARECIDO TRINDADE	325
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
VAGNER FREITAS	337
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
A CAPA	342
AS ORGANIZADORAS	343

“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)

“A naturalização da violência contra os pobres no Brasil ou aos movimentos populares organizados é o ápice do noticiário burguês.”

MÁRCIO ZONTA

Emancipação da classe trabalhadora

Flávia Quirino¹

Especialista em Estudos Latino-americanos pela Universidade Federal de Juiz de Fora, graduado em Jornalismo e Relações Públicas, Márcio Zonta escolheu o caminho inverso ao campo da mídia tradicional no país, ao lado da classe trabalhadora do país tem noticiado ao longo dos anos as lutas dos movimentos sociais e denunciado as contradições do modelo de desenvolvimento capitalista que expropria os trabalhadores em função da manutenção de uma pequena burguesia. Atualmente, atua como correspondente nacional e internacional em áreas de conflito agrário e mineral em toda a América Latina e é membro da coordenação nacional do MAM – Movimento pela Soberania Popular na Mineração. Em 2016, o Brasil de Fato publicou uma série especial de reportagens sobre os trabalhadores da mineração no Brasil, em “Suor de Ferro” Zonta expõe a realidade da mineração no país – uma atividade que beneficia poucos e exclui muitos – ainda invisibilizada na sociedade. Na contramão do que é “comum”, Márcio Zonta tem apresentado o jornalismo tal como se deve ser: com função social e junto à classe trabalhadora.

¹ Jornalista, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (2017), na linha de Jornalismo e Sociedade. Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: flaviaquirino@gmail.com

Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.

O papel de qualquer movimento popular é incidir sobre a realidade nefasta imposta pelo sistema capitalista. Forjar a unidade entre a classe trabalhadora e garantir a formação, a organização e mobilização das massas para sua emancipação social. Levando em consideração o sentido temporal da pergunta, é necessário o pensamento dialético sobre a sociedade em constantes transformações diante das várias faces do capital. A vida de uma organização social nunca é linear e compete a ela interpretar as realidades e transformá-la, seja o tempo que for.

Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há diferenças entre os veículos? Cite exemplos.

A mídia brasileira é o intelectual orgânico da direita no Brasil e ao mesmo tempo o partido de oposição à esquerda. É a mídia neste momento que planeja dentro do golpe no Brasil - orquestrado pelos setores empresarial, parlamentar, jurídico e midiático - as estratégias de como formular a imagem negativa dos movimentos sociais à opinião pública. O que observamos, diariamente, na mídia brasileira, seja na internet, rádio, jornais impressos ou televisão, é uma sistemática criminalização dos movimentos e das lutas populares, como as que aconteceram no último período no país, contrárias ao impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em defesa da democracia, contra as reformas propostas pelo governo golpista de Michel Temer e pelas Diretas Já. Em todos esses momentos, a mídia brasileira agiu com o único objetivo de criminalizar, desvirtuar e invisibilizar as lutas populares. O monopólio midiático no Brasil age, orquestradamente, não há diferenças nas narrativas, o que muda, por vezes, é o título e o ângulo da imagem, mas todas com o mesmo objetivo. Dessa forma, as notícias sempre serão submetidas à luta de classes, pois esses conglomerados midiáticos hoje nada mais são do que grandes empresas de capitais difusos.

De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais? Cite exemplos.

As notícias sobre o MST, sobre os movimentos por moradia, sobre os movimentos que surgiram pela crise das cidades são um exemplo concreto da construção dessa imagem estereotipada. As notícias veiculadas sobre qualquer ação realizada por esses movimentos vêm sempre acompanhadas de palavras ou imagens que destoam de qualquer realidade, como, por exemplo, o uso sistemático das palavras 'invasão' e 'vandalismo' nas reportagens. Todas as notícias dão sempre entonação ao controle social, à providência a ser tomada pelas forças repressivas diante

desses grupos quando estão rebelados. Portanto, ela evoca o estado de exceção, onde o direito e o sujeito são colocados em antagonismos, vilipendiados pela legitimação da mídia. A naturalização da violência contra os pobres no Brasil ou aos movimentos populares organizados é o ápice do noticiário burguês.

Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do seu país? Cite exemplos. Quais as consequências dessas vinculações para as reivindicações dos Movimentos Sociais?

Como já dito anteriormente, a mídia nacional funciona como um partido político, um partido obviamente que dentro do seu programa político não contempla as necessidades da classe trabalhadora e age em conluio com outra minoria, a elite brasileira. Por exemplo, embora as concessões de rádio e TV sejam estatais, os interesses econômicos atuam paralelo à produção de notícias. Além destes interesses econômicos, obviamente, se observa também os interesses políticos. Em 2016, a Revista Caros Amigos apresentou um especial sobre Mídia e Política em que se destaca que ao menos 40 políticos brasileiros, entre deputados e senadores são donos ou participam de grupos de comunicações em diversos estados brasileiros. Ou seja, a propriedade dos veículos de comunicação determina a produção do seu conteúdo. Não é em vão, que as lutas são constantemente criminalizadas, por trás disso certamente existem interesses políticos, econômicos, nesta seara não existe correlação de forças favorável à disputa ideológica na sociedade.

Há diferença da cobertura dos Movimentos Sociais pela imprensa do seu país e internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os Movimentos Sociais.

Depende. A imprensa latino-americana, salvo em alguns países, tem o formato igual, ou seja, reproduzem o mesmo noticiário, sensacionalista, espetaculoso, chulo, onde a mente humana que o absorve é empobrecida, se emburrece, enquanto a burguesia, a mesma que formula esse tipo de veículo de comunicação se aproveita da ignorância que implanta. Veja o caso do Peru, onde os anos do ditador Fujimori, quase oito periódicos com vocabulário e conteúdo chulo foi massificado para projetar uma deseducação social à maioria das trabalhadoras e trabalhadores peruanos. Ora, não teria diferença nenhuma o noticiário internacional nessas condições. Ou seja, salvo alguns meios de comunicação internacional que noticiam algo mais real, o restante está submetida à lógica do capital midiático dominado pelas burguesias latino-americanas. Veículos internacionais como Telesur e Opera Mundi, por exemplo, estão entre os raros a noticiar as ações dos movimentos sociais de maneira a não criminalizá-los.

Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.

O que dialoga com a sociedade é o ato político revolucionário das trabalhadoras e dos trabalhadores, dos movimentos sociais. E nesse contexto entra o papel estratégico da importância política da comunicação dentro dos movimentos sociais, as ferramentas utilizadas pelos movimentos tem que atuar para tirar do extrato da luta política algo que dialogue com a sociedade. Muitas organizações não governamentais brasileiras investem em massa em jornalistas para dialogar com a imprensa, mas que imprensa, a burguesa? Ora, essa pauta a sociedade com aquilo que convém a sua classe, a própria burguesia. Não são os jornalistas-comunicação que irão mudar a realidade da sociedade sem o ato político revolucionário da massa trabalhadora. Essa comunicação pode ser instrumento de elucidação, politização, agitação para as lutas, mas para ser completa precisa terminar com a ação da massa espoliada rumo a sua emancipação política, econômica, social e não menos importante a cultural e o poder da própria voz silenciada.

Considerações finais

Desde o surgimento do capital, as massas estão sendo espoliadas de sua base material, aquela que lhe dava o ritmo certo de transformação da natureza, além da garantia da reprodução social de suas vidas alicerçadas, sobretudo, pela garantia de um território. Atacada pelo capital em seu cerne organizador da vida, a massa transformada em trabalhadores “livres” tem na comunicação a mensagem de uma vida irreal, ilusória, abstrata aos seus anseios mais contundentes e reais. Mudar esse cenário é extremamente necessário para evolução da luta política da classe trabalhadora.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)



Universidade de Brasília

